

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O MUNDO SECRETO DE SERGUEI PARADJANOV
21 de Março de 2025

PARADJANOV: POSLEDNIAIA VESNA / 1992
PARAJANOV: THE LAST SPRING

um filme de Mikhail Vartanov

Realização: Mikhail Vartanov / Argumento: Mikhail Vartanov, Martiros Vartanov / Fotografia: Haik Kirakossian, Mikhail Vartanov / Som: Karen Kurdian, M. Israelian / Montagem: Mikhail Vartanov, Svetlana Vartanov, Gohar Hamalbachian / Fotografia de Cena: I. Mechitov, M. Vartanov / Música: Debussy, Ravel, Chostakovitch, Schnittke / Com: Serguei Paradjanov, Sofiko Tchiaureli, Iuri Mgoian, Mikhail Vartanov, Aleksandr Kaidanovski, Suren Chakhbazian, Gaiane Khatchaturian, Suren Paradjanov, Svetlana Paradjanov, Svetlana Vartanov, Leila Alibegachvilli, Irakli Kvirikadze, Rezo Tchkheidze, Aleksandr Atanessian, Bella Akhmadulina, Silva Kaputikian, Boris Messerer, Eldar Chenguelaia, Guiorgui Chenguelaia, Edgar Baghdassarian.

Produção: Mikhail Vartanov, Varda – Nova Studio, Parajanov-Vartanov Institute (Arménia, Estados Unidos) / Cópia: em DCP (suporte original em 35mm), cor e preto e branco, versão em russo, arménio, ucraniano e georgiano, legendada em inglês e electronicamente em português / Restaurada por UCLA Film and Television Archive, UCLA Library com a colaboração do Parajanov-Vartanov Institute / Duração: 60 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Realizado por Mikhail Vartanov em 1992, **Paradjanov: Posledniaia Vesna** (conhecido internacionalmente como **Parajanov: The Last Spring**) é um documentário bastante impressionista sobre Serguei Paradjanov revelando-nos imagens únicas do cineasta na rodagem de **Sayat-Nova – A Cor da Romã** (1969), ou parte das “rushes” filmadas em 1989 e 1990 para a obra interrompida pela morte do cineasta, **Khostovanank / A Confissão**. Terminado na Arménia dois anos depois da morte de Paradjanov e montado à luz de velas num contexto político extremamente adverso ditada pelo colapso da união soviética, este filme de Vartanov parte da sua amizade com Paradjanov, percorrendo a obra cinematográfica e a vida do criador, preso durante vários anos em meados nos anos setenta após ter realizado os seus filmes mais célebres, e libertado em 1977 em grande parte em virtude da pressão internacional (como aliás percebemos aqui).

Como refere um cartão do actual genérico do filme, que tem sido distribuído numa nova cópia restaurada e distribuída pelo Parajanov-Vartanov Institute, Mikhail Vartanov (1937-2009), que era cerca de dez anos mais novo que Paradjanov (1924-1990), estudou como ele no conhecido instituto de cinema de Moscovo, o VGIK, e entrou na lista negras das autoridades soviéticas com o seu filme **Tsvet Armianskoi Zemli / A Cor da Terra Arménia** (1969), documentário de 1969 no qual filmou Paradjanov e o pintor Minas Avetisian, artista arménio assassinado em 1975. Só vinte anos depois, já livre de toda a proibição ou censura, Vartanov realizou os seus filmes seguintes, que se revelam como duas homenagens aos seus amigos artistas e dois elogios

à liberdade da criação. **Minas: A Requiem** (1989) e este **Parajanov: The Last Spring**, que Vartanov consideraria a terceira parte de uma trilogia iniciada com o seu filme de 1969.

Contrariando a tendência da maior parte dos documentários que se conhecem sobre Paradjanov, **The Last Spring** é um filme contemplativo, que não recorre propriamente a testemunhos ou entrevistas com os seus colaboradores e amigos mais próximos, mas a imagens filmadas por Vartanov daqueles que seriam os últimos dias de Paradjanov, em que o vemos já muito debilitado, e aos próprios “arquivos” de Vartanov e de Paradjanov. Vartanov recupera aqui imagens do seu **A Cor da Terra Arménia** no qual Paradjanov dirige um momento na rodagem de **Sayat-Nova**, cartas que este lhe escreveu a partir da prisão, a imagens da sua obra plástica, ou filma os últimos dias da rodagem de **Khostovanank**, que encerram a “última Primavera” do cineasta, bem como fragmentos desse filme necessariamente incompleto.

Dividindo o filme em capítulos, Vartanov atravessa a biografia de Paradjanov, desde as suas origens na Geórgia, para onde retornaria após os anos de prisão, aos seus últimos dias. Encontramo-lo nas salas de montagem dos estúdios arménios, como explicita Vartanov em *off*: “Filmei-o a 29 de Março de 1990. Acabou de ver o material em bruto de **Khostovanank**. Escreveu-o em 1969 e começou a filmá-lo vinte anos depois, seguindo-se a anos de prisões, de falta de trabalho e de uma saúde arruinada.” Só esta frase ajuda a perceber porque aquele que vemos em parte das imagens é um homem doente e prematuramente envelhecido, que em tudo contrasta com o realizador com uma energia contagiante, que vemos no mesmo filme a dirigir os actores na rodagem de **Sayat-Nova**, vinte anos antes. E o que realmente nos fascina é a vitalidade que irradia destas imagens, que nos deixam intuir o que poderia ter sido o destino de Paradjanov, caso o seu cinema não tivesse sido censurado e não tivesse sido submetido a tão violenta perseguição e que, apesar de tudo, ainda refere aqui “Para lá da perseguição consegui exprimir-me em pleno.”

The Last Spring terá preservado o negativo de câmara original de **Khostovanank**, cujas imagens existentes são exibidas numa outra sessão deste programa, numa montagem que resulta de um muito recente trabalho de digitalização das imagens das mesmas pelos arquivos arménios. Sobre **Khostovanank** Paradjanov ainda acrescenta: “Este é o meu guião favorito. As autoridades destruíram o nosso antigo cemitério em Tiblíssi e assim os fantasmas dos meus antepassados vieram a minha casa. Mas não podem ficar sem uma autorização de residência. Os meus antepassados vêm nevoeiro lilás a vir da fortaleza.” O mesmo tom lilás do som do vento do século XVI, que Ali Khamraev citará no seu recente documentário sobre o cinema de Paradjanov (**The Lilac Wind of Paradjanov / Sirenevii Veter Paradjanova**, 2025) como um singular pedido do cineasta ao director de som de **A Lenda da Fortaleza de Suram** (1984).

Filme-testamento em que vemos Paradjanov a assistir às gravações em estúdio da música para acompanhar a cena do “funeral de Vera”, com a personagem do realizador em criança e a mãe a descer as escadas da sua própria casa em Tiblíssi. Como referiu o próprio, se Andrei Tarkovski tinha **O Espelho**, eu tenho **A Confissão**, filme que, contudo, não conseguiu terminar. Vartanov dedica precisamente um capítulo à amizade dos dois cineastas, recorrendo a uma montagem de imagens fotográficas de dois criadores fortemente perseguidos pelo regime – destino semelhante teve outro grande cineasta de origem arménia, também ele autor de uma obra imensa, Artavazd Pelechian, que esteve há poucos anos na Cinemateca para acompanhar uma retrospectiva que lhe dedicámos.

É assim grande o contraste entre o homem que vemos a dirigir **Sayat-Nova** e o homem que vemos vinte anos depois. Como revelam as “cartas do Gulag”: “realizou **Sombras dos Nossos**

Antepassados Esquecidos aos 40 anos, **Sayat-Nova** aos 45 e passou os 50 anos preso na Ucrânia. Mas continuou a criar para não enlouquecer.” Toda essa “vontade de arte” é elucidada num capítulo do filme dedicado à exposição e ao trabalho plástico desenvolvido por Paradjanov com todo o tipo de materiais, tal como nos revela a sequência dedicada às colagens em torno da Gioconda e que encontra hoje a sua “montra” mais visível no museu que lhe é dedicado em Erevan.

Afirma aqui Serguei Paradjanov: “Como gostaria de implantar isto na cabeça das crianças. Juntem texturas, combinem coisas que desafiem a combinação, criem novas formas”. É a procura constante de novas formas que marca a modernidade do cinema de Paradjanov ou como afirmou enfaticamente Mikhail Vartanov: “Provavelmente, para além da linguagem cinematográfica criada por Griffith e Eisenstein, o cinema mundial não descobriu nada de novo e revolucionário até **A Cor da Romã** (de Paradjanov).”

Joana Ascensão